

# JUVENTUDE, RELIGIÃO E CRIMINALIDADE

Vera Maria Passos Wanderley Dias - Doutoranda em Ciências Sociais/PUC-Minas

## Resumo

Este artigo traz algumas das ideias discutidas em um capítulo teórico-conceitual, parte da minha tese que está em fase de elaboração. A proposta de trabalhar com o tema da juventude relacionando-o com a religião e a criminalidade partiu de um interesse em buscar alternativas para jovens moradores de um aglomerado urbano, envolvidos direta ou indiretamente com o tráfico de drogas. Meu objetivo é buscar entender se a participação desses jovens em grupos religiosos interfere na entrada, permanência ou saída do mundo do crime, restrito aqui ao tráfico de drogas, a que são obrigados a conviver, pelo local de moradia coincidente com a ponta desse mercado ilegal que os utiliza como mão de obra barata e de fácil reposição. O local da minha pesquisa é o Aglomerado Santa Lúcia, mais conhecido como Morro do Papagaio, com seus jovens habitantes de baixa renda dessa favela da região centro-sul de Belo Horizonte delimitada por bairros de classe média e alta. A ideia principal é a de que a socialização de jovens participantes de grupos religiosos disputa com a socialização fora desses grupos, promovida pelos traficantes de drogas. Para discutir teoricamente esse problema vou recorrer à literatura acadêmica trazendo o jovem enquanto categoria sociológica e a religião como norteadora do comportamento juvenil para finalizar trabalhando a interface da juventude com a criminalidade.

Palavras-chave: Juventude, religião, criminalidade.

## Abstract

This article presents some of the ideas discussed in a theoretical-conceptual chapter of my thesis in preparation. The proposed work on the issue of youth relating it to religion and crime came from an interest in seeking alternatives for youth living in an urban agglomeration, directly or indirectly involved with drug trafficking. My goal is to try to understand if the participation of these young people in religious groups interferes with the entry or departure of the criminal world, here restricted to trafficking in drugs, only because they live in a place coincident with the edge of this market illegal to use them as cheap labor and easy replacement. The location of my research is the "Aglomerado Santa Lucia", better known as "Morro do Papagaio", with its young low-income residents of this slum in the south-central region of Belo Horizonte bounded by the neighborhoods of middle and upper class. The main idea is that the socialization of young participants from religious groups struggle with socialization outside these groups, promoted by drug traffickers. To discuss theoretically this problem will resort to bringing the academic literature that brings the youth as a sociological category and religion as the guiding youth behavior and finalize this article working with the interface between youth and crime.

Keywords: Youth, religion, crime.

## 2.1. O jovem como categoria sociológica

Como há diversos modos de ser jovem na nossa sociedade, não dá para falar em apenas uma categoria para tratar do “jovem” na teoria sociológica que possa dar conta das diversas situações e diferentes significados culturais e sociais a ela relacionados, mesmo porque mudanças na sociedade também irão afetar a experiência juvenil, ou o que é considerado ser jovem. Por isso Sposito (2003), reconhecendo essas diferenças, fala em juventudes no plural, porque as pessoas identificadas como pertencentes a essa categoria não experimentam essa fase da mesma maneira, por serem variadas as formas de entrada no mundo adulto, dificultada pela crise da sociedade assalariada que pelo desemprego estrutural dificulta a inserção do jovem no mercado de trabalho e porque se deve levar em conta a diversidade de cultura, etnia e religião, não se prendendo no tocante a caracterização do jovem apenas pela faixa etária. A despeito dessas considerações, a maioria dos cientistas sociais trabalha com a faixa etária de 15 a 24 anos para delimitar a juventude, que é o critério da OMS (Organização Mundial de Saúde), e que será utilizado nesse trabalho. A adoção desse recorte da OMS justifica-se por ser o mesmo adotado na maioria das minhas referências bibliográficas e também por institutos de pesquisa como o IBGE. Podemos ver esse critério utilizado nos estudos de Abramo (1994), Novaes (2000) e Dayrell (2003), dentre outros.

Abramo (1994) chama a atenção para a variação de tempo considerado na noção de juventude de sociedade para sociedade, sendo que a mesma só aparece como categoria social como um período destacado dos demais em algumas delas, ou seja, essa noção é socialmente variável. Para ela a juventude aparece como tema da sociologia enquanto fenômeno da sociedade moderna, compreendida dentro de uma perspectiva histórica. Ela retoma esse tema como fonte de preocupação com os problemas vividos e representados pelos jovens, tais como o envolvimento dos jovens com a violência, tanto como vítimas tanto como autores e sua relação com a criminalidade e o narcotráfico, que deixa a juventude cada vez mais próxima de drogas ilícitas no seu dia a dia, além da alta taxa de homicídios registrada entre jovens do sexo masculino de 18 a 25 anos de idade. (ABRAMO, 2005:39). Cabe aqui ressaltar que me fixei nos jovens do sexo masculino não por uma naturalização da presença masculina, mas porque esse gênero

aparece como grande maioria no universo da criminalidade e são eles que estão matando e morrendo, então nesse trabalho não tratei das mulheres, embora lembrando de que elas também podem estar envolvidas com o mundo do crime. Ainda segundo Abramo, as dificuldades e demandas dos jovens, como a inserção no mercado de trabalho e as questões ligadas à violência refletem as dificuldades estruturais da nossa sociedade. Sobre o mesmo tema, Novaes (2000) diz que há diferenças importantes com relação ao pertencimento a classes e estilos de vida distintos, além do local em que se habita, para falar do lugar que os jovens ocupam na sociedade, caracterizando-os como tal não apenas pela idade biológica. Com várias pesquisas com jovens brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro, entende essa juventude como sendo “*um espelho retrovisor que reflete e revela a sociedade de desigualdades e diferenças sociais*” (NOVAES, 2006a:119). Dentre esses jovens, ela diz que são os mais pobres os mais atingidos pelos processos geradores dessas desigualdades sociais, ancorados em preconceitos e discriminações. Diferenciados também pelo local de moradia, os jovens de hoje tem a mesma quantidade de informações, mas não tem garantidas as mesmas oportunidades de acesso aos projetos sociais, ao estudo e ao trabalho. No mesmo texto, Novaes chama atenção para outro ponto, essencial para a minha pesquisa, de como a rede internacional do narcotráfico interfere nos modos de ser e estar no mundo da juventude de hoje:

*Para além do fato de um indivíduo consumir ou não consumir, distribuir ou não distribuir drogas ilícitas, como vive nesta geração, ele convive com os efeitos desse “grande negócio lucrativo” e, também, com as consequências políticas de proibição que produzem efeitos perversos nas áreas pobres das cidades, combinando-se com a corrupção e a violência policial. (NOVAES, 2006a:120).*

Novaes sublinha então as características do mundo em que vivem os jovens e as jovens de hoje como preponderantes na construção de suas identidades e das suas relações sociais. Passemos para Dayrell, que como Sposito, também fala da noção de juventude no plural para dar conta dos diversos modos de ser jovem, enfatizando ainda que não há um único modo de ser jovem nas camadas populares, o que me chamou a atenção por estar trabalhando com jovens pobres, moradores de um aglomerado urbano.

Para esse autor, construir essa noção significa não se prender em critérios rígidos, mas buscar entendê-la dentro de um processo mais amplo, embasado no “*conjunto de experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social*” (Dayrell, 2003:42). Esse processo é influenciado pelo meio social no qual o jovem está inserido, por isso quando Dayrell fala do jovem como sujeito social lembra que jovens das camadas populares nasceram numa estrutura que já existia historicamente, com dimensões próprias, como baixa escolaridade dos pais, local de moradia e outras que interferem desfavoravelmente na produção desse sujeito na direção de um ser singular que dá sentido ao mundo a partir do seu grupo social. Isso significa que esse jovem vai buscar nesse grupo de referência o reconhecimento de uma identidade de pertença, mas ao mesmo tempo quer ser um sujeito singular, diferente dos demais, buscando autoafirmação, como também lembra Erickson (1971) ao falar das etapas evolutivas necessárias para a construção da identidade. Essa construção pode ficar comprometida se, ao chegar à juventude, a pessoa ver negadas suas possibilidades de escolha, como pode acontecer com o jovem da minha pesquisa, pelo fato de conviver com a violência unicamente por morar em um aglomerado urbano e com isso afetar a construção da sua identidade. Pode ser que a imagem que os outros farão desse jovem interfira negativamente no modo como ele vê a si mesmo. Dayrell sempre fala nos seus trabalhos que enquanto a juventude for vista apenas como uma etapa de passagem para a vida adulta os jovens não serão considerados como sujeitos de direito, cuja voz precisa ser ouvida, entendida no momento em que estão vivendo e não localizada no e para o futuro. Assim sendo, como bem colocou Gilberto Velho (2006), os jovens não constituem segmentos isolados ou estereotipados. Para ele, estudá-los significa estudar as relações entre categorias sociológicas que tem nas delimitações de faixas etárias apenas uma referência básica, já que é no processo de interação social que se pode procurar entender classificações e atribuições de papéis, formação de comportamentos e modos de ser desses indivíduos e grupos, analisando seus múltiplos pertencimentos, ou seja, *colocar juventude no plural expressa a posição de que é necessário qualificá-la, percebendo-a como uma categoria complexa e heterogênea, na busca de evitar simplificações e esquematismos.* (VELHO, 2006:192). Conclui-se com as colocações dos autores citados que a juventude é uma categoria sociológica historicamente constituída e deve ser pensada sempre em termos de sua diversidade e complexidade,

não havendo um conceito único capaz de expressá-la, levando ao entendimento de considerar o termo juventude no plural.

## **2.2. A religião como norteadora do comportamento juvenil**

Para buscar entender se a participação dos jovens moradores do Morro Papagaio em grupos religiosos interfere na construção de carreiras criminosas preciso primeiro discutir a interface Juventude/Religião, que tem despertado bastante o interesse dos cientistas sociais brasileiros, embora ainda haja poucos trabalhos com esse tema. As lacunas nesse conhecimento não diminuem a relevância do assunto, como demonstram os resultados das entrevistas com 3.501 jovens de 15 a 24 anos de uma pesquisa nacional, o “Perfil da Juventude Brasileira”, organizada por Abramo e Branco (2005), onde no tocante aos espaços de participação dos jovens, a participação em grupos religiosos bate de longe qualquer outro tipo de participação social, seja ela em clubes esportivos, movimentos, entidades, associações ou partidos políticos. Novaes (2005), ao analisar a referida pesquisa, chama a atenção para o enfoque que os jovens deram para ir à igreja ou culto, que simplesmente seria a coisa que eles mais gostam de fazer nos fins de semana, além de destacarem que o temor a Deus seria o valor mais importante numa sociedade ideal. Ela levanta a hipótese de que as inseguranças do mundo moderno, onde os jovens ficam vulneráveis em um cenário violento e com dificuldades de inserção social poderia levar a um recrudescimento dos valores religiosos, trazendo a fé como fator de agregação social. (NOVAES, 2005:282). A autora comenta ainda que ao fazer parte de grupos religiosos, muitos jovens acabam atuando no espaço público, onde motivados por valores e pertencimentos religiosos, vão militar em sindicatos, associações, movimentos e partidos políticos. (NOVAES, 2005:289). Pude constatar essa atuação na trajetória de um jovem que entrevistei na minha pesquisa de mestrado, Marcelinho Aro, apresentador de um programa da TV Horizonte na época, o “Vai na Fé” (AUTOR, 2010:110), que participava ativamente do grupo de jovens que foi objeto do meu estudo como um dos seus principais coordenadores e hoje é vereador na cidade de Belo Horizonte. A história de Marcelo é interessante porque vai mostrar, bem como também na trajetória de outros jovens, que a atividade intensa e o reconhecimento dentro do grupo, ancorado por valores religiosos, vai fazer com que ele busque ampliar

seus espaços de atuação, para disseminar esses mesmos valores cultuados dentro do grupo, o que o leva à participação política. Em outro texto de Regina Novaes (2006b:145), a pesquisadora considera três tendências dos jovens com relação à religião: uma forte disposição para o trânsito religioso e novas combinações entre as religiões existentes, uma diminuição na influência dos pais ou avós na escolha da religião e o desenvolvimento de uma religiosidade sem necessariamente ter vínculos institucionais. Também outra pesquisa, intitulada “Religião, cultura e política entre a juventude de Minas Gerais”, analisada por Perez, Tavares e Camurça (2009), aponta que ir à igreja ou ao culto com a participação em grupos e atividades religiosas é para muitos dos jovens entrevistados o elemento fundamental de sua sociabilidade. Os vínculos e laços que se estabelecem extrapolam as relações da comunidade para além dos espaços físicos da igreja e dos cultos, o que amplia as possibilidades dos jovens de participação social ancorada na experiência religiosa.

Recentemente Solange Rodrigues (2012) fez um levantamento da literatura sociológica brasileira que trata de jovens e pertencimento religioso, mostrando como o aparecimento desses novos atores nos meios populares despertou o interesse dos pesquisadores das Ciências Sociais para esse segmento, superando a ideia de ver os jovens como um problema para passar a entendê-los como sujeitos sociais com voz e atuação próprias. Dentro dessa ótica ela mostra a proliferação dos estudos sobre juventude, muitos deles versando sobre juventude e religião, nas dissertações e teses, publicações científicas e grupos de pesquisa, tanto nas universidades quanto em organizações da sociedade civil. Muitos desses estudos vão delimitar bastante os jovens pesquisados, seja numa determinada universidade ou região de uma cidade, bem como abordando aspectos de sua sociabilidade nos grupos formados pertencentes a uma religião ou corrente específica. Destaque para o trabalho etnográfico desenvolvido para a tese de doutorado em 2009 de Sofiati (2011) sobre a experiência religiosa dos jovens da Renovação Carismática Católica (RCC) posteriormente publicada em um livro e que revelou as formas como a juventude contemporânea tem vivenciado a religiosidade em grupos onde desenvolvem uma sociabilidade que influenciará todo seu comportamento. Nas notas finais do levantamento feito por Rodrigues (2011:277) a autora comenta que seria importante ampliar esses estudos, focalizando com maior complexidade a

dimensão religiosa, de modo a conhecer as trajetórias e os valores desses jovens, e também coloca que *“um grande desafio é encontrar instrumentos metodológicos para conhecer com mais profundidade (inclusive na esfera da experiência religiosa) as juventudes que se encontram em situação limite, envolvidas em redes criminosas, em situação de rua, fazendo uso abusivo de crack e de outras substâncias psicoativas”*.

Outro desses estudos, posterior ao levantamento feito por Rodrigues, a pesquisa de Fernanda Ribeiro (2012), que teve como tema o abandono de atos ilícitos por meio da conversão religiosa em uma favela carioca, relata que diversas ações de prevenção à violência e recuperação e reabilitação de pessoas envolvidas com o crime são desenvolvidas por igrejas, já que as lideranças religiosas muitas vezes suprem a ausência de políticas públicas eficazes, principalmente nos territórios de favelas. A igreja ou templo se torna assim um espaço de sociabilidade e segurança, já que a favela é um território carente de oportunidades que convive com a presença do tráfico de drogas, que passa a ser alternativa de trabalho para os jovens. Aí a igreja aparece como um lugar seguro, formando um grupo que promove apoio social, aliando o trabalho religioso a outras atividades que visam o bem-estar da comunidade e acaba funcionando como fator de prevenção ao crime. Em outro trabalho, Lavallo e Castello (2004) mostram como as práticas associativas religiosas nas favelas aparecem na percepção da população como fonte de benefícios materiais, o que abriria espaço para alternativas de trabalho para os jovens. Os autores comentam que a religião estimula o associativismo vinculado às atividades sociais das igrejas, em iniciativas organizadas pelas igrejas e seus fiéis, o que atenua as tendências de exclusão dos moradores de favelas do mercado de trabalho cujas dificuldades de inserção no mercado de trabalho podem levar a criação de laços com associações de bases religiosas, católica ou evangélica. Também Almeida e D’Andrea (2004), numa *survey* realizada em Paraisópolis, grande favela de São Paulo, revelou que setenta por cento dos moradores que participam de alguma associação o fazem junto a entidades religiosas.

O respeito aos direitos fundamentais de cada um passa pela formação de valores para que o jovem possa distinguir o que é certo e o que é errado segundo as normas da sociedade, e nesse aspecto a religião pode ter papel importante, na medida em que orienta os fiéis a seguirem o caminho do bem e dita comportamentos

condizentes com a postura de uma pessoa que se preocupa não só consigo mesma, mas também com os outros. Se essa noção do bem e do mal fica internalizada como um código moral da sociedade, a possibilidade do jovem optar por carreiras criminosas diminui porque a religião funciona como se fosse um freio interno, que o impede de tomar ações que possam prejudicar outras pessoas. Essa linha de raciocínio remete ao conceito de religião de Durkheim, que só se interessa pelas instituições na medida em que elas são o reflexo da sociedade, ou seja, são instituições sociais representativas de uma consciência coletiva que as orienta: *é a ação que domina a vida religiosa pelo simples fato de que ela tem por fonte a sociedade* (DURKHEIM, 2008:495). No pensamento durkheimiano, viver em concordância com o que é passado por essas instituições sociais, como a Igreja, originaria a integração necessária para a criação dessa consciência coletiva, que superaria as consciências individuais, controlando-as ao internalizar normas e valores com *“autoridade moral, que é inerente a tudo o que é religioso”* (DURKHEIM, 2008: 263). Considerando a religião como instância essencialmente coletiva é que esse pensador conhecido como o fundador da Sociologia chega à sua clássica definição:

*Uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem. DURKHEIM, 2008:79).*

Embora muitos pesquisadores sociais falem desse papel social da religião da visão funcionalista durkheimiana, Alba Zaluar (1994-1995) não concorda que a conversão religiosa seja solução para a criminalidade urbana violenta, especialmente com relação às religiões evangélicas e pentecostais, que ela considera extremamente conservadoras e intolerantes. Assim, ao criarem esse espaço de proteção também se isolam do restante da comunidade e consideram todos os outros como inimigos, como representantes do mal, do demônio, apontando as outras religiões como coisas do diabo. Daí que se os moradores de favelas já são estigmatizados pelo local de moradia, se forem discriminados pelos próprios vizinhos só por não terem se convertido, isso realmente não ajudará os jovens na prevenção da criminalidade ou para sair do mundo

do crime. Olhando por outro ângulo temos Ronaldo de Almeida (2006:121) que enfatiza que “o pentecostalismo estabelece vínculos sociais que atenuam a situação de vulnerabilidade social das camadas mais pobres, o que lhe conferiu o sucesso nesta parcela da população”. Isso porque, para esse autor, as redes religiosas de perfil evangélico geram maior integração social por ser comum nas áreas de maior pobreza as redes familiares e religiosas se sobreporem, transformando todos em irmãos na fé, numa verdadeira cruzada de evangelização. Considero que essa possa ser uma das causas, em lugares como o Morro do Papagaio, da proliferação de igrejas evangélicas com suas diversas denominações. Outra possível causa de tão forte atração de fiéis nas camadas mais pobres é a de promover, pelas relações sociais, possibilidades de renda econômica, não só pela ajuda mútua, mas também pelo estímulo ao empreendedorismo característico do pentecostalismo.

### **2.3. Criminalidade e Juventude**

Alba Zaluar (1994-1995), em um de seus artigos sobre jovens e crime organizado, fala que são os homens jovens, pertencentes ou saídos das classes populares, das camadas mais pobres da população brasileira, que se constituem nas principais vítimas e nos principais agentes da criminalidade. Mas ela frisa que não é a partir deles que se desenvolve o crime organizado, porque este tem uma base empresarial e estes jovens que estão matando e morrendo estão prestando serviços no final da linha, onde existem mais riscos do que lucros: são eles que fazem a distribuição das drogas, que carregam as armas e que enfrentam a polícia e as quadrilhas rivais, o que faz com que antes dos 25 anos estejam provavelmente mortos ou presos. Então porque, mesmo sabendo de tão desfavorável prognóstico eles ingressam em carreiras criminosas? Uma possível resposta pode estar em outro texto de Zaluar (2011), que fala num *ethos* guerreiro, que tem a ver com masculinidade e virilidade, elementos importantes na socialização desses jovens, que os fazem procurar respeito e aceitação no grupo por meio dessa postura agressiva e autodestrutiva, que os impele a entrar como soldados em uma guerra, prontos para matar ou morrer:

*Dentre os muitos estilos de masculinidade entre migrantes de outros estados, entre jovens da segunda geração, entre jovens negros, pretos, pardos, mulatos, brancos, destacava-se, nas diversas pesquisas etnográficas feitas pela minha equipe (Cecchetto, 2004; Monteiro, 2009), aquele que estava mais claramente vinculado à ação violenta contra os outros: o etos guerreiro e a hipermasculinidade, na qual o consumo conspícuo define as novas identidades masculinas bem-sucedidas e obriga a ter dinheiro para ajudar amigos, vizinhos e parentes, impressionando-os com a exibição de joias e roupas dispendiosas no próprio corpo, com festas e pagamento de bebidas em locais públicos, estratégias dos que buscam dominar pelo poder das armas e de muito dinheiro no bolso. (ZALUAR, 2011: 349).*

Também Carvalho (2003) faz referência como a socialização do jovem combinada com aspectos culturais das comunidades pobres, como o machismo, fornece dados para investigação dos elementos de atração que a criminalidade exerce sobre a juventude das camadas populares, tendo como referência as pesquisas sobre delinquência juvenil nas grandes cidades americanas, como Los Angeles. Voltando a Zaluar (1994-1995), ela mostra preocupação com essa identidade masculina do jovem ligada ao poder e status que a arma de fogo dá no grupo, aliada à atração da possibilidade de dinheiro rápido que possibilitará a aquisição de bens de consumo que vão gerar admiração das meninas e uma posição social de respeito, além do signo de virilidade incorporado à arma de fogo, percebida no próprio termo (ferro) que a designa entre os jovens e os atrai para o mundo do crime.

Abramo (1994) comenta que a sociologia norte-americana, a partir dos estudos da Escola de Chicago, voltou sua atenção para os comportamentos desviantes de grupos juvenis que são atraídos para a criminalidade, formulando várias teorias na tentativa de compreender esse fenômeno social. A teoria da anomia de Merton (1970) tentou explicar porque taxas altas de crime eram encontradas nas classes baixas dos Estados Unidos, analisando o comportamento que se desvia das normas e mostrando que o encorajamento ao sucesso, típico da cultura americana, pode levar as pessoas das classes populares a tentar alcançar o sucesso por meios ilícitos, já que as oportunidades por meios legais (estudo, trabalho) não são as mesmas para todos dentro da estrutura social. Se a ênfase é dada nos objetivos e não nos meios, a sociedade tende a anomia, o

que pode explicar também a opção por carreiras criminosas por parte de jovens brasileiros de grupos sociais pobres, já que o desejo de sucesso financeiro a qualquer custo sobrepuja o desejo de alcançá-lo por meios legítimos, ou seja, a atração da ilusão do dinheiro rápido fica maior do que a vontade de ser correto, de cumprir as normas da sociedade, de agir de acordo com limites e valores. Resumindo, quando a ênfase não está na satisfação do esforço de alcançar os objetivos dentro das regras, mas sim focado apenas no resultado final, existe uma grande pressão para a quebra da estrutura reguladora, levando a um tipo de adaptação individual entre os sistemas social e cultural que Merton chamou de inovação, adaptação essa que pode levar ao comportamento desviado, principalmente entre as camadas inferiores, que estão mais sujeitas a esse tipo de pressão por terem menor acesso aos meios legais para atingir as metas. Segundo Abramo (1994), outro pesquisador da Escola de Chicago, A. Cohen, estabeleceu que a estruturação desses comportamentos desviantes poderia levar à formação de uma subcultura juvenil de delinquência criada pela defasagem entre os valores de classe média transmitidos pela socialização e os recursos que os jovens de classes baixas tem para alcançá-los. Assim aparece outra forma de adaptação ao sistema, desta feita pela negação, impossibilitando a integração social e levando ao desvio e à marginalidade. Assim sendo, os indivíduos com maior propensão para a criminalidade “*seriam aqueles que não têm autocontrole sobre as suas emoções e, portanto, falham na negociação entre a consciência moral e os impulsos*” (ZALUAR, 2012:337), o que seria decorrente da desigualdade social que interfere no processo de socialização dos jovens dificultando a formação de posturas mais condizentes com uma adequada inclusão na sociedade.

Os jovens moradores das favelas, por sua proximidade com as redes de criminalidade ficam mais expostos ao risco de serem atraídos para carreiras criminosas, como aponta Oliveira (2008). Esse autor fala de um processo que ele chama de “juvenilização da criminalidade”, onde as atividades criminosas se cruzam com os circuitos de sociabilidade juvenis. As redes de distribuição de drogas influenciam a vida social nas favelas e favoreceram o surgimento de gangues e quadrilhas cujos integrantes atualmente são em grande parte jovens, muitas vezes menores de idade. Assim, a etapa mais arriscada do comércio ilícito, que é a distribuição final, acaba sendo feita por esses jovens pobres moradores da favela. São eles que morrem, sendo facilmente substituídos,

enquanto os grandes comerciantes e intermediários ficam ocultos, já que as linhas de comando da cadeia produtiva estão fora dessas áreas. A violência urbana problematiza uma ordem social específica que reconhece um padrão de sociabilidade que Machado (2010) chama de sociabilidade violenta, caracterizada pela transformação da força como meio de obtenção de interesses no próprio princípio regulador das relações sociais. É, portanto, um conjunto de práticas sociais e não de ações individuais, onde as formas de interação constituem-se em técnicas de submissão baseadas no reconhecimento do desequilíbrio de forças. Machado (2010) comenta ainda que a segregação espacial, espelho da desigualdade social, concentrou nas favelas essa ponta do tráfico internacional relacionada ao comércio a retalho para consumo final, aumentando o risco para os jovens nesses territórios e redefinindo sua imagem pública. Em sua tese de doutorado, Malvasi (2012) fala que esses jovens de baixa renda são colocados pelo comércio de droga em pontos estratégicos onde fica fácil tanto para o consumidor quanto para a polícia localizá-los. Aí se combinam as relações de vizinhança com ações policiais e de assistência governamental. Os jovens são dessa maneira identificados ao mesmo tempo como as maiores vítimas e como os autores de violência, o que leva o imaginário social a localizar o crime nesses locais. Esses jovens compartilham múltiplos significados em territórios comuns que eventualmente incluem o crime. Então Malvasi (2012) usa a palavra crime tanto como sinônimo de ambiente de mercado baseado no tráfico de drogas quanto em seus vários significados como campo de poder referente a uma ética e conduta prescrita aos criminosos, uma maneira de sobreviver, um universo simbólico compartilhado por pessoas que participam dessas atividades, vivenciando a sociabilidade violenta referida por Machado (2010).

Entretanto, Alba Zaluar (2012) fala que tanto os conceitos de sociabilidade violenta de Machado (2010) quanto o do *ethos* guerreiro desenvolvido por ela em vários de seus trabalhos teriam muito em comum por se referirem a práticas sociais que modificam as formas de pensar e agir dos jovens envolvidos no tráfico de drogas no Brasil. Alba conclui que, ao abordar o crime do ponto de vista das relações sociais, teremos necessariamente que considerar em primeiro lugar a sociabilidade, independente do nome que seja dado a ela. Minha hipótese é a de que a socialização dos jovens feita pelos traficantes de drogas, seja pela sociabilidade violenta ou pelo *ethos*

guerreiro, estaria competindo com a socialização feita nos grupos religiosos, que supostamente evitaria que os jovens construíssem trajetórias que os levassem a carreiras criminosas, já que seriam introjetados valores éticos e morais incompatíveis com aqueles disseminados no mundo do crime. As redes de sociabilidade dos jovens que moram em locais como o morro do Papagaio acabam cruzando com esse mundo do crime, entendido aqui da mesma maneira como Gabriel Feltran explicitou em sua tese de doutorado, como uma *“expressão que designa o conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas e discursivas que se estabelecem, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos”*. (FELTRAN, 2008:31). Essas relações foram estudadas por ele sempre do ponto de vista da perspectiva dos jovens da periferia de São Paulo participantes de sua pesquisa de campo. Esse entendimento vai significar que a criminalidade refere-se tanto a um ambiente propício ao crime quanto ao lugar onde se desenvolve a socialização dos jovens que habitam esses locais, que pode ser feita tanto pelos traficantes quanto pelas redes religiosas, dentre outras instâncias. Como também observou Malvasi (2012), que juntamente com Feltran (2008) desenvolve trabalhos sobre o mundo do crime e sua relação com jovens das periferias de São Paulo, o crime está inscrito na vida desses jovens dadas às condições de pobreza, violência e riscos característicos desses locais. Utilizei o mesmo entendimento porque o território da minha pesquisa assemelha-se aos locais descritos por Feltran (2008) e Malvasi (2012), mas concentrei minha atenção nos jovens participantes de grupos religiosos e suas relações com uma parte específica do mundo do crime relacionada ao tráfico de drogas, enfocando na compreensão da interação da juventude com esse tipo de criminalidade e como a religião afeta essa relação, discussão essa feita até aqui com base nos estudos encontrados no levantamento bibliográfico oriundo da literatura sociológica. Um destes estudos, o de Cláudio Beato Filho e outros (2001), desperta meu interesse particularmente, por trazer dados de Belo Horizonte, cidade da minha pesquisa, onde apresentam uma análise espacial dos homicídios registrados pela PMMG (Polícia Militar de Minas Gerais) de 1995 a 1999 revelando que quase todas as regiões que apresentaram um risco maior de homicídios estão concentradas em favelas de Belo Horizonte. Entretanto, por existirem na época 85 favelas na cidade e apenas 10 regiões apresentaram esse risco, os autores da pesquisa concluíram que não são as condições socioeconômicas dos habitantes destes locais as

responsáveis pelos conglomerados de homicídios, mas sim o fato dessas regiões serem assoladas pelo tráfico e violência associada ao comércio de drogas ali existente. Para Beato Filho (2001:1170), esse resultado encontra respaldo em uma literatura de análise da violência e criminalidade que enfatiza o incremento dos homicídios à violência associada ao mercado de drogas, como encontrado em Zaluar (1988). A variedade sistêmica da violência associada ao tráfico de drogas implica em guerras por territórios entre traficantes rivais e agressões e homicídios cometidos no interior da hierarquia dos vendedores de droga como forma de reforço dos códigos normativos (aqui eles seguem as regras dos criminosos e não as da sociedade). Há também roubos de drogas que geram retaliações violentas dos traficantes e seus patrões, bem como a eliminação de informantes e punições pela venda de drogas adulteradas ou por não conseguirem quitar débitos com os vendedores. Segundo os autores, este tipo de violência decorre de não haver formas legais de resolução de conflitos entre traficantes e usuários, daí muitos estudos ressaltarem que, mais do que o uso, *“é a venda de drogas que está associada aos homicídios”*. (BEATO FILHO et al, 2001:1165). Devido a essa constante encontrada nos resultados das pesquisas é que fiz a opção por delimitar o crime especificamente relacionado ao tráfico de drogas, especialmente na ponta do comércio ilegal localizado nas favelas e que atinge fortemente o segmento juvenil caracterizado no meu estudo e cuja socialização vai competir entre uma sociabilidade violenta e aquela promovida pelos grupos religiosos. Essa hipótese da concorrência entre esses tipos de socialização dos jovens e suas consequências foi discutida aqui apenas teoricamente, já que a pesquisa de campo que irá comprová-la ou refutá-la está em andamento, inviabilizando nesse momento uma conclusão sobre o tema em questão.

## Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis*. São Paulo: Página Aberta, 1994.

\_\_\_\_\_. *Condição juvenil no Brasil contemporâneo*. In: ABRAMO, Helena, BRANCO, Pedro Paulo (orgs) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/ Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena, BRANCO, Pedro Paulo (orgs) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/ Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALMEIDA, Ronaldo de. *A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade*. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 111-122.

ALMEIDA, Ronaldo, D'ANDREA, Tiaraju. Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n.68, março 2004, p. 94-106.

AUTOR, 2010.

BEATO FILHO, Cláudio Chaves, ASSUNÇÃO, Renato Martins, SILVA, Bráulio, MARINHO, Frederico Couto, REIS, Ilka Afonso, ALMEIDA, Maria Cristina. Conglomerados de homicídios e o tráfico de drogas em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, de 1995 a 1999. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.17, n.5 set/out 2001, p. 1163-1171.

CARVALHO, Maria Alice Resende de. Violência no Rio: contextos semânticos dos discursos sobre o mal. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.24, set/dez 2003, p. 259-268.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.24, set/dez 2003, p. 40-52.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

ERIKSON, E. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1971.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

LAVALLE, Adrián Gurza, CASTELLO, Graziela. As benesses deste mundo: associativismo religioso e inclusão socioeconômica. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n.68, março 200, p. 73-93.

MALVASI, Paulo Artur. *Interfaces da vida loka: um estudo sobre jovens, tráfico de drogas e violência em São Paulo*. 288p. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MERTON, Robert King. *Sociologia: teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

NOVAES, Regina. *Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política*. In: ABRAMO, Helena Wendel, Freitas, Maria Virgínia de, SPOSITO, Marília Pontes (orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000, p.46-55.

\_\_\_\_\_. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?* In: ABRAMO, Helena & BRANCO, Pedro Paulo (orgs) *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania/ Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 263-290.

\_\_\_\_\_. *Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de, EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006a, p.105-120.

\_\_\_\_\_. *Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo*. In: TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.). *As religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006b, p.135-160.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *Sobre a adesão juvenil às redes de criminalidade em favelas*. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da. (org.). *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 249-303.

PEREZ, Léa Freitas, TAVARES, Fátima, CAMURÇA, Marcelo. *Ser jovem em Minas Gerais: religião, cultura e política*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages. *Religião, promoção da saúde, prevenção da violência e recuperação e reabilitação de pessoas*. Anais do XIII Simpósio Nacional da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões). Religião, carisma e poder: as formas da vida religiosa no Brasil. UFMA, São Luis, MA. 29 de maio a 01 de junho de 2012. Disponível em [www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/441/326](http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/441/326). Acessado em 30/10/2013.

RODRIGUES, Solange dos Santos. *Jovens, experiência do sagrado e pertencimento religioso*. In: OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de, MORI, Geraldo de. (orgs.). *Mobilidade religiosa: linguagem, juventude, política*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 253-287.

SILVA, Luiz Antonio Machado da. Violência urbana, segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual. **Caderno CRH** vol 23, nº 59. Salvador, maio/agosto de 2010. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792010000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792010000200006&script=sci_arttext) Acessado em 01/11/2013.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Religião e juventude: os novos carismáticos*. São Paulo, Ideias e Letras, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

VELHO, Gilberto. *Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de, EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p.192-200.

ZALUAR, Alba. *Crime, medo e política*. In: ZALUAR, Alba, ALVITO, M. (orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988, p. 209-232.

\_\_\_\_\_. A ilusão dos jovens e o crime organizado. **Comunicação & Política**. V.1, n.2, dez 1994/março 1995, nova série, p.231-250.

\_\_\_\_\_. *Violência e Juventude: uma perspectiva antropológica*. In: CARVALHO, Carlos Frederico Vaz de, FRAGA, Fernando Caramuru Bastos, ROSA, José Henrique Alves e ARÃO, Lilian Aparecida (coords.). *Dez olhares sobre juventude e cultura*. Belo Horizonte: FGR, 2011, p. 23-32.

\_\_\_\_\_. Juventude violenta: processos, retrocessos e novos percursos. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 55, n. 2, 2012, p. 327-365.